

**A DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS REVISTAS VEJA, ÉPOCA E ISTO É: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO**

**Tancy Costa Mavignier<sup>1</sup>**

**Resumo**

A maioria das pesquisas sobre mídia e deficiência estuda de que forma as pessoas com deficiência são representadas pelo jornalismo. As representações encontradas pelos pesquisadores são do assistencialismo, da normalização, da superação e da cidadania. Este estudo objetiva compreender a percepção das pessoas com deficiência física sobre as revistas de atualidades (Veja, Época e Istoé) e descobrir como elas se sentem representadas pelas três revistas de atualidades. O referencial teórico utilizado nesta pesquisa foi Hall, Barbero, Orozco, Goffman, Moscovici, entre outros. Primeiramente foram escolhidos textos que tratassem sobre deficiência nas edições de julho de 2012 a dezembro de 2012. Realizou-se análise de conteúdo para traçar um panorama e estudo de recepção, com 16 entrevistados.

**Palavras-chave:** Mídia. Deficiência. Representações. Recepção. Identidade.

**Introdução**

Mesmo com os problemas de acessibilidade nas cidades, cada vez mais os indivíduos com deficiência estão saindo nas ruas. Porém, elas ainda sofrem com a invisibilidade, as pessoas as encontram e evitam olhar e conseqüentemente pensar sobre essa questão. A marginalização das pessoas com deficiência é histórica, já que existem registros que os gregos eliminavam e abandonavam as crianças que tinham alguma deficiência.

Com desenvolvimento da sociedade, a eliminação e abandono de crianças deixaram de ser usual, entretanto as pessoas com deficiência isoladas e reclusas. O tema só começa a ser inserido na sociedade, quando a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1981 estabeleceu o Ano Internacional das Pessoas Deficientes. A partir daí o tema ganhou força nos meios de comunicação, saiu da esfera privada (família, escola) e passou para a esfera pública e a ser discutido na sociedade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Foi bolsista da Capes. E-mail: tancy.costa@yahoo.com.br.

A maior parte das pesquisas sobre mídia e deficiência procura descobrir quais são as representações sociais presentes na grande imprensa. As representações mais encontradas foram relacionam-se ao assistencialismo (vítima, dependência); à normalização (modelo médico); à superação (herói), e, em último lugar, à cidadania (inclusão).

Porém, nenhuma pesquisa sobre mídia e deficiência estuda a questão da recepção, das apropriações dos discursos por esse segmento da sociedade. As discussões ficam no campo das representações, com um olhar de fora para dentro, focando mais a produção das notícias, a forma como o jornalista representa essas pessoas, do que de dentro para fora, como as pessoas com deficiência enxergam essas representações.

Logo, esta pesquisa pretendia descobrir quais são as apropriações das notícias das principais revistas de atualidades, como Veja, Época e Istoé, pelas pessoas com deficiência física e como elas se veem representadas pelas revistas.

Para tanto, se escolheu como corpus as edições de julho de 2012 a dezembro de 2012, período em que aconteceram os jogos paraolímpicos e datas relacionadas à luta das pessoas com deficiência. Depois, foram selecionados os textos que tivessem alguma relação com o tema deficiência.

Quanto aos procedimentos metodológicos, em um primeiro momento foi feita uma análise de conteúdo, baseada no referencial de Bardin (1977), para verificar a incidência de notícias sobre deficiência nas revistas, além traçar um panorama da deficiência nos veículos jornalísticos escolhidos.

Em seguida, escolheu-se três textos jornalísticos, um de cada revista, de acordo com a representação predominante. Por último foi feito um estudo de recepção, com 16 entrevistados, metade estudantes da Universidade Metodista de São Paulo e a outra parcela de pacientes da Aparte (Associação de Paraplégicos de Taubaté).

### **Receptor: de passivo a ativo no processo comunicacional**

Ao longo do tempo, as teorias da comunicação foram modificando a maneira como emissor e receptor são vistos. No modelo funcionalista, proposto por Lasswell, em 1948, o receptor já aparece, embora fique limitado à condição de objeto da ação que se desenvolve.

Enquanto era desenvolvido o modelo funcionalista, concomitantemente iniciavam-se os estudos dos efeitos. Para Jacks e Escosteguy (2005), esses estudos são considerados os

primeiros relativos à audiência. A segunda teoria dos estudos de audiência é a dos ‘Usos e Gratificações Oferecidos’, proposta na década de 40. Entre tais estudos está a pesquisa de Herta Herzog com ouvintes de rádio, que visava descobrir a motivação do uso dos meios e a confrontação das gratificações esperadas e obtidas.

Nos anos 60, a Teoria Crítica ganhou força nos estudos de comunicação e a “crença” de quem recebe a mensagem é vítima da mídia, que manipula. O receptor é visto como passivo no processo comunicacional. Essa visão só é modificada com o desenvolvimento dos estudos de recepção.

Já os estudos da estética da recepção surgiram nos anos 70, na Alemanha com a Escola de Konstanz. Seus principais teóricos são Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que estudaram a recepção na literatura: a maneira como os leitores interpretam as obras literárias.

Assim como na Escola de Konstanz, a de Birmingham estudava a recepção literária. Em sua primeira fase preocupava-se com as preferências do público leitor das camadas populares. Os Estudos Culturais surgiram com as pesquisas das culturas operárias.

Apesar de não ser o fundador da Escola de Birmingham, Stuart Hall, é um dos pesquisadores mais importantes dos Estudos Culturais. Em Codificação/ Decodificação, Hall cita que na decodificação há três estratégias básicas de recepção:

(...) dominante, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências de sua construção; oposicional, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta seguindo uma estrutura de referência alternativa, isto é, outra visão do mundo; negociada, quando o sentido da mensagem entra “em negociação” com as condições particulares dos receptores, compondo-se de um misto de lógicas contraditórias que contém tanto os valores dominantes quanto argumentos de refutação. (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 40)

O receptor já aparece como autônomo no processo de comunicação. Esse modelo, criado por Hall, pode ser considerado uma grande contribuição dos estudos culturais para os estudos de recepção, que foram muito desenvolvidos na Escola Latino-Americana.

Na América Latina, os estudos de recepção se desenvolveram principalmente nos meados de 1980. Martín-Barbero tornou-se um nome de referência para esses estudos ao trazer para o Continente a discussão da comunicação sem o foco na mídia, mas sim para o das mediações. Para Jacks e Escosteguy (2005), o enfoque desses teóricos era estudar as relações entre comunicação e cultura, pois queriam descobrir a experiência dos sujeitos.

Os diferentes significados que o receptor pode interpretar são influenciados por diferentes mediações, que são fatores que estão entre a produção e a recepção: eles interferem, estruturam, organizam e reorganizam a forma como o receptor interpreta a informação. Para Martín-Barbero (2009, p. 295), existem três lugares de mediação: “a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural”.

Guilherme Orozco (2005) conseguiu ir além da proposta de Martín-Barbero, e ao buscar descobrir a interação entre televisão e telespectador criou o modelo de multimediações, que categoriza cinco tipos de mediações que interferem no processo de recepção: videotecnológica, cognitiva, situacional, institucional e de referência.

A mediação institucional de Orozco, que inclui a família, está relacionada à cotidianidade familiar proposta por Martín-Barbero; uma vez que as duas apontam o ambiente familiar como uma das principais mediações relacionadas à televisão, já que geralmente assisti-la é uma atividade social e a família influencia na recepção.

Outra mediação que se pode relacionar é a mediação cognitiva de Orozco com a competência cultural de Martín-Barbero, pois ambas tratam do repertório que o telespectador traz e que influencia no processo de recepção. Na mediação videotecnológica, proposta por Orozco, a recepção é influenciada pelo aparelho tecnológico que o receptor utiliza. Por exemplo, se ele lê uma revista em papel, no tablete, ou no computador, esses fatores podem alterar a recepção.

Já a mediação cognitiva, para Orozco, está relacionada à bagagem cultural que o indivíduo carrega. “Apesar de o público telespectador ser ativo, ele não está isento de mediações que provêm das suas próprias capacidades, história, condicionamentos genéticos e culturais específicos” (OROZCO, 2005, p.6).

A mediação situacional depende de fatores ao redor do telespectador. O fato de o receptor assistir televisão, sozinho ou acompanhado, influencia na maneira como ele está recebendo as informações, pois quando está sozinho não há a opinião do outro. Além disso, existem outras situações, como a de assistir a um programa obrigado ou não.

Na mediação institucional, diversas instituições interferem na recepção da televisão, da revista (entre outros), como a família, a igreja, a escola, e o partido político, entre outras. Ao abordar essa mediação, Orozco (2005) aponta que a família é a primeira instituição que interfere no processo de assistir a televisão.

A mediação de referência depende dos “referentes culturais do público telespectador” (OROZCO, 2005, p. 9). O fato de o telespectador ser homem ou mulher (gênero) influencia nos gostos e preferências da programação, assim como a etnia, a idade, e a classe social, que também são mediações de referência. Embora as mediações propostas por Orozco tenham sido aplicadas ao estudo da televisão, elas também podem servir de referência para outros estudos de recepção que tenham outros meios de comunicação como objeto, como no caso desta pesquisa, as revistas.

No livro *A Sociedade enfrenta sua Mídia*, Braga (2006) traz o novo conceito de sistema de circulação interacional. Para o autor, o mais importante nas relações entre a produção e recepção é como circula a mensagem depois da recepção, pois continua o processo de produção de sentidos.

A partir dessas percepções sucessivas no entendimento de “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isto decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela). (BRAGA, 2012, p. 39)

A recepção da leitura de uma notícia continua reverberando na conversa com colegas de trabalho, pode ser comentada nas redes sociais e pode ser usada para gerar outros produtos, como a crítica escrita enviada para a seção carta de leitores.

### **Deficiência, Mídia, Identidade e Representações**

A identidade de uma pessoa é formada por um conjunto de fatores exteriores. Depende da educação, da família, formação, de aspectos geográficos (onde mora), dos grupos sociais que frequenta, entre outros. Como ser social, a pessoa não se constrói sozinha, a forma como a sociedade a enxerga pode modificar como ela se enxerga enquanto ser social que é.

Stuart Hall (2005) explica as diferentes concepções sociológicas de identidade que foram modificadas ao longo do tempo. A primeira concepção seria a do Iluminismo, em que o indivíduo seria centrado em si, não mudava seu papel social, pois não existia mobilidade social.

Já a noção do sujeito sociológico surgiu em razão da complexidade da Idade Moderna. Nesse período é que se cria a visão clássica que a identidade se forma quando a pessoa

interage socialmente: a identidade não seria formada sozinha, somente por aspectos interiores, mas pelos espaços sociais que o indivíduo participa.

Com o desenvolvimento social as identidades foram se fragmentando e o sujeito pode ter várias identidades, até contraditórias. Existem diversas explicações para que em tempos pós-modernos a pessoa tenha essa identidade fragmentada, e uma delas é a globalização.

Podem-se relacionar esse conceito de Hall (2005), do sujeito pós-moderno, com os de Goffman (1998) de identidade social e identidade pessoal, também conhecidas por identidade experimentada e identidade do eu. Assim, para os dois autores, a imagem que o indivíduo tem de si é construída da maneira como ele próprio se vê (identidade pessoal), misturada com a visão que os outros têm dele, de como ele é visto socialmente (identidade social).

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2005, p. 39)

Trata-se de um processo circular: a identidade social influencia na identidade pessoal e vice e versa. Hall (2006) explica que a identidade pessoal e social é fragmentada. A pessoa com deficiência física não é vista, nem se vê somente como alguém com deficiência, e pode ser homem/mulher (gênero), branca/amarela/negra (raça), criança/jovem/idoso, do interior, ou da capital, não importa. Ao mesmo tempo em que acontecem essas fragmentações na identidade pessoal, os grupos das pessoas com deficiência estão cada vez mais segmentados, com deficiência intelectual, visual, física, e auditiva.

A identidade está diretamente relacionada à teoria das representações sociais, conceito introduzido pelo psicólogo Serge Moscovici, na Psicologia Social, para explicar o processo da construção do conhecimento. O conceito das representações é complexo, o fenômeno é cultural, coletivo, dinâmico, mas influencia as individualidades: é uma interação entre o indivíduo e o social.

Como se trata de um processo cultural e histórico é difícil muitas vezes identificar as origens de determinadas representações. Para descobrir a origem das representações que são partilhadas na atualidade, é necessário recuperar a História de determinado grupo.

Como o processo é dinâmico, as imagens e representações foram mudando ao longo da história, e este estudo visa compreender como as pessoas sentem-se representadas pela

mídia. Busca-se, aqui, explicar essas diferentes representações sociais das pessoas com deficiência na sociedade e na mídia: assistencialismo, normalização, superação e cidadania.

Historicamente, o mais antigo paradigma conhecido é o da exclusão, ou visão mística e sobrenatural, proposta por Costa-Renders (2009, p. 67). A pessoa com deficiência era vista como alguém “menor”, “ameaça”, “subumano”, “castigado pelo pecado”.

Segundo Amaral (1995), as ideias de segregação e inclusão estão escritas nos livros República de Platão e Política de Aristóteles, que dizem que os “defeituosos” deveriam deixar morrer, ou escondê-los.

Com o surgimento e ascensão da cultura judaico-cristã, na Idade Média, de acordo com Carli (2003), a dicotomia dos gregos, que era corpo/mente, passou a corpo/alma. A pessoa com deficiência era vista sob dois aspectos: ora como castigado pelo pecado, demônio, desgraçado, ora como coitadinho. A religiosidade trouxe um olhar assistencialista de coitadinho, de ajuda às pessoas necessitadas, mas elas ainda viviam excluídas, não eram vistas socialmente como iguais.

Com o desenvolvimento científico, que foi acelerado com o Iluminismo, e o surgimento de novas tecnologias assistivas, surgiu o paradigma da segregação terapêutica, conhecido como modelo médico. Com os novos tratamentos médicos que tentam dar qualidade de vida aos pacientes instala-se um paradigma em que a deficiência passa a ser vista como uma patologia que deve ser curada, como se a pessoa com deficiência fosse anormal, que pudesse ser melhorada: a pessoa não é percebida ser humano inteiro.

“O próprio Iluminismo, com a visão legitimadora da ciência, defendeu a higienização social e isolou a anormalidade com a finalidade de reabilitar ou curar. As categorias, portanto, agora seriam normal e anormal” (COSTA-RENDERS, 2009, p.55).

Foucault (2001) explica melhor o conceito de normalidade do discurso médico e como os hospitais psiquiátricos e prisões podem ser formas de controle social, formas de poder. A normalização, nesse contexto, seria uma forma utilizada para controlar, afastar as pessoas que eram consideradas anormais.

Segundo Vivarta (2003), na inclusão acontece a inserção total: defende o direito de todas as pessoas com ou sem deficiência, não procura disfarçar as limitações, e exige transformações profundas na sociedade. As diferentes pessoas são vistas como um mosaico

humano, e respeitam-se as particularidades de cada uma. Na sociedade inclusiva todas as minorias têm espaço.

As representações sociais podem reproduzir estigmas, assim como influenciar na construção da identidade deformada da pessoa com deficiência, já que na sociedade pós-moderna a identidade não é só construída pelo sujeito, ela é construída socialmente, aumentando a parcela de influência da sociedade na construção da identidade do sujeito.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 2006, p. 38-39)

Assim como Hall (2006), Goffman (1998) afirma que apesar da influência da sociedade, o indivíduo tem liberdade em relação ao que elabora. Muitas vezes os estigmas são difíceis de serem superados, porque socialmente a pessoa não se sente aceita.

O imaginário e as representações sociais que circulam na sociedade afetam a maneira como a pessoa com deficiência se relaciona consigo mesma e cria sua identidade. A mídia tem sua parcela de responsabilidade, pois compartilha, divulga e reproduz essas representações sociais e estigmas que excluem a pessoa com deficiência, enquanto deveria promover representações mais inclusivas, gerando novas representações e imaginário em relação à pessoa com deficiência, possibilitando que se sinta aceita e reconstrua a própria identidade.

### **O que a revista diz sobre a deficiência: uma análise de conteúdo**

Foram selecionadas edições das revistas *Veja*, *Época* e *Istoé* de julho a dezembro de 2012. O período foi escolhido porque em agosto e setembro de 2012 aconteceram os jogos paraolímpicos e os meses de setembro e dezembro têm datas importantes para o movimento da pessoa com deficiência: 21 de setembro é Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência e 3 de dezembro é o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência.

Os textos foram selecionados de 26 edições das revistas *Veja*, *Istoé*, e *Época*. Em oito edições da *Veja*, em 12 edições da *Istoé* e em quatro da *Época* foram encontrados textos jornalísticos sobre deficiência. No total foram encontrados 33 textos de diferentes formatos e gêneros nas revistas: 10 são da *Veja*; 18 da *Istoé*; e cinco da *Época*.



Do corpus selecionado, composto por 33 textos, o assunto que apareceu com maior frequência foi Esporte, com 13 textos (39,4%) relacionados ao tema, seguido por Saúde, que apareceu sete vezes (21,2%), Tecnologia, quatro vezes (12,1%), Cultura três vezes (9,1%), Segurança duas vezes (6,1%) e Comportamento uma vez (3%).

Para descobrir quais são os tipos de deficiência que mais aparecem no corpus selecionado foi criada a categoria tipos de deficiência. O tipo mais frequente nas revistas é a deficiência física. Foram localizados 22 textos que abordam tal modalidade, que citam a deficiência física. A deficiência visual aparece em 11 textos, a intelectual sete vezes, e a deficiência auditiva só aparece uma vez.

No corpus selecionado foram localizados os seguintes gêneros e formatos jornalísticos: informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (coluna e resenha) e interpretativo (dossiê e perfil). Dos 33 textos, 23 são do gênero informativo (nove notícias, oito notas, cinco reportagem); seis opinativos (três colunas e três resenhas); e quatro do gênero interpretativo (dois dossiês e dois perfis). Apesar de as revistas em geral terem mais textos interpretativos, verificou-se a predominância do gênero informativo no corpus de todas as revistas analisadas.

Foram consideradas fontes somente as pessoas em que partes da entrevista apareceram entre aspas. Em 17 textos apareceram falas de especialistas sem deficiência, já a citação dos especialistas com deficiência foram encontradas oito vezes. Fontes da comunidade foram localizadas em sete textos, enquanto a comunidade com deficiência teve falas em seis tipos textuais. O governo só teve fala em uma nota, na qual o deputado federal Romário fala de projeto de lei.

Esse é um dos dados mais importantes de toda análise, porque demonstra que por mais que aumente o número de textos referentes à deficiência nas revistas, as pessoas sem deficiência é que falam das pessoas com deficiência. Por mais que as matérias tratem sobre deficiência elas não dão voz a quem participa desse grupo.

### **Representações das revistas: normalização e superação**

Na revista Veja, foram encontradas, em quatro textos, a representação da normalização do modelo médico; três do humano; um assistencialismo; e um superação. Como a

representação da normalização e do modelo médico foi predominante, foi escolhida a reportagem de maior destaque, Afinal, a leitura da mente.

Na revista Istoé foi identificada, em seis textos, a representação da superação; em cinco da inclusão; em três da normalização ou modelo médico; em dois do assistencialismo; e em dois textos não foi encontrada nenhuma representação. Como a representação da superação predominou nos tipos textuais, foi escolhido o perfil Daniel Dias, brasileiro do ano no esporte paraolímpico para ser discutido com os entrevistados, já que o texto teve manchete na capa da revista, diferentemente dos outros.

Nos textos da revista *Época* foi encontrada a representação da superação em três deles: em um da inclusão e um do assistencialismo. A representação que predominou foi da superação. O perfil Mais rápido do que o mais rápido foi escolhido por ser um dos textos mais extensos.

Em linhas gerais, as matérias analisadas trouxeram uma visão de supervalorização da pessoa com deficiência, por causa da representação de superação. A valorização dos atletas faz com que o leitor que tem alguma deficiência se sinta inferior e não acredite que seja possível que ele também possa ganhar prêmios.

### **Metodologia das entrevistas**

A princípio a análise de recepção seria feita a partir das falas do grupo focal. Foram escolhidos dois grupos focais, um formado por dez estudantes da Universidade Metodista de São Paulo e outro por dez pacientes da Associação de Paraplégicos de Taubaté (Aparte). A mostra e o número de participantes foram definidos de forma aleatória.

Entretanto, pela dificuldade de reunir todos os entrevistados por causa de horários de fisioterapia diferentes e de alunos que estudam em períodos distintos, matutino e noturno, foi modificada a metodologia de grupo focal para entrevistas em profundidade semiestruturadas.

O número de pessoas entrevistadas acabou se reduzindo, quando da efetivação dos encontros, para 16 pessoas: oito alunos da Metodista e oito pacientes da Aparte. A pesquisa foi submetida ao Comitê de ética, para garantir a privacidade dos entrevistados. Com isso, foram preservados os nomes, e as pessoas foram identificadas como entrevistado A1, A2, até A8 para os entrevistados da Aparte; e M1, M2, até M8 para os estudantes da Metodista.

São percebidas algumas características de cada grupo de entrevistados. Os da Aparte têm entre 18 a 56 anos, a maioria tem entre 27 a 56 anos. Eles são predominantemente cadeirantes, somente um utiliza muletas. Nenhum nasceu com deficiência. Cinco dos entrevistados foram vítimas da violência e tiveram lesão medular recorrente de arma de fogo. Dos oito entrevistados, somente duas são mulheres.

Na Universidade Metodista a idade é de 18 a 50 anos, e a maioria tem entre 18 e 25 anos. Todos estão no curso superior e a maioria não usa cadeira de rodas. Já as causas da deficiência são variadas: paralisia cerebral, doenças degenerativas, entre outras. Metade dos voluntários nasceu com algum tipo de deficiência congênita, ou adquiriram no parto. Quanto ao gênero, havia um homem e sete mulheres.

### **A recepção dos leitores**

Do grupo de entrevistados da Aparte, cinco (A1, A2, A4, A7 e A8) leem as revistas Veja, Época e Istoé, entretanto três (A3, A5 e A6) afirmam não ler, ou ler raramente. Desse grupo, cinco afirmam que veem os conteúdos das revistas pela internet, os outros veem quando alguém compra, em consultórios. Só A2 afirmou que compra as revistas.

No grupo de entrevistados da Metodista, seis dos alunos (M2, M3, M4, M6, M7 e M8) leem as revistas, enquanto dois (M1, M5) não. Dos entrevistados que leem, três leem semanalmente: M3 porque seu namorado tem uma banca de revista; M8 porque trabalha em uma biblioteca; e M6 lê na biblioteca da Faculdade.

Quando perguntado aos entrevistados da Aparte o que achavam das revistas Veja, Época e Istoé, não existiu diretamente nenhuma manifestação crítica às revistas. A5 disse que as revistas apresentam boas notícias; A4 que eram interessantes; e A7 também achou bom o conteúdo. Dos entrevistados da Metodista só três (M1, M3 e M5) não emitiram opinião em relação às revistas; dois (M1 e M5) afirmaram não ler as revistas. Os outros entrevistados emitiram suas preferências e críticas.

A maioria dos entrevistados, 11 dos 16, escolheu a reportagem intitulada Afinal, a leitura da mente. Nesse texto foi identificada a representação da normalização, em que a tecnologia pode curar, melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. Apesar de algumas críticas em relação ao preço da tecnologia, houve interesse dos entrevistados por tratamentos que pudessem fazer com possibilitar a estes andar novamente.

Apesar de nem todos entrevistados responderem como se sentem representados pela mídia, é importante mostrar as mais variadas visões das pessoas com deficiência em relação à questão. Percebe-se que em duas falas são citadas as representações da superação.

Dos entrevistados da Aparte, somente quatro opinaram sobre a forma que se veem representados pelas revistas. O A2 disse que a mídia os representa pela superação:

O ser humano, apesar das dificuldades que uns têm, eles tão tentando superar as dificuldades do dia a dia. E para que a população não fique com dó dos cadeirantes ou dos portadores de necessidades especiais, que teve um AVC, tá numa muleta ou bengala, que eles não são coitadinhos. Cada um tem uma maneira de se viver. Mesmo limitado, mas tá vivendo. (Informação verbal, 2013)

A questão da deficiência e da superação aparece com recorrência na fala dos entrevistados, embora seja criticada apareceu em diversos momentos. As pessoas se apropriam das representações da mídia, majoritariamente da superação. Essa mesma tendência foi encontrada nas representações que aparecem nas revistas analisadas.

Os voluntários da pesquisa ainda responderam como gostariam de ser representados pela mídia. Poucos responderam à pergunta como querem que a mídia represente a pessoa com deficiência. Os entrevistados da Aparte citaram que não deveriam ser representados pelo assistencialismo, mas sim pela inclusão.

### **As múltiplas mediações**

Nas entrevistas realizadas tanto com pacientes da Aparte e com estudantes Metodista foram localizadas todas as mediações propostas por Orozco (2005): videotecnológica, cognitiva, situacional, institucional e de referência. Também foram encontradas múltiplas mediações em uma mesma frase, ou trecho. No exemplo abaixo se observam as diferentes mediações:

Eu não consigo me ver assim. Porque a maioria você vê também que são homens, né? A maioria são homens e já começa por aí. E eu não faço esporte, por exemplo. Eu faço coisa assim: musculação, faço pilates, mas não faço basquete, não corro, não faço. Sei lá, faço saltos ou nada desse tipo. Então eu não vejo neles. Eu me vejo vencendo em outros modos de vida, mas não nesse modo. (M2, Informação verbal, 2013)

Nessa fala, primeiro localizou-se a mediação de referência de gênero, pois a entrevistada explica que não se sente representada por homens, por ser mulher, mas também foi identificada a mediação cognitiva relacionada às experiências de atividades físicas que a

estudante de jornalismo já realizou e porque em sua experiência de vida ela vence as barreiras diárias e não como os atletas, com medalhas.

Outras mediações também apareceram, como, por exemplo, a vídeotecnológica que foi encontrada uma vez pelo A6 (Informação verbal, 2013). Ele explicava o motivo de não ter acompanhado a cobertura da imprensa das paraolimpíadas. “Porque pegou na Record e lá em casa ela pega super ruim”. As pessoas responderam de que forma liam se pela internet, revista em papel, mas não relacionaram como o suporte influenciou na leitura.

A mediação situacional também teve pouca recorrência, mas foi identificada na fala da dona de casa, A5 (Informação verbal, 2013). “Mas, é só assim que eu faço, não tenho paciência para ler mais não. Para mim é complicado, é difícil, ainda mais que agora eu tenho minha filha pra cuidar também, que tem problema também”.

A mediação institucional foi localizada em poucas entrevistas. Ela apareceu na fala de A2 (Informação verbal, 2013). “Eles não sabem o que é estar numa cadeira de rodas. Só quem tem uma família, um marido, uma esposa, um filho, sabe o que é isso”. Nesse trecho foi identificada a mediação institucional da família, como quem tem um parente com deficiência tem outra visão do assunto.

Também foram identificadas mediações de referência, como, por exemplo, na fala de A6 (Informação verbal, 2013). “Mesma forma. Também depende da classe social, aquelas que têm mais privilégio, são as mais ricas de poder aquisitivo. Fora isso, tão iguais”.

A mediação mais recorrente é a cognitiva, pois as pessoas embora falassem da mídia contavam a experiência, a vivência enquanto pessoa que tem deficiência. Elas contam com experiência pragmática, como alguém que vive concretamente o que é ter deficiência.

As pessoas entrevistadas não produzem sentido somente no campo simbólico-abstrato, como alguém que enxerga a deficiência de fora. Essas apropriações tem um peso maior na dimensão semântica-pragmática, porque falam do lugar de quem vivencia diariamente as barreiras arquitetônicas, atitudinais, entre outras.

Como Orozco (2003) afirma, as leituras acontecem em movimento, logo o que elas responderam nessas entrevistas poderia ser diferente em uma próxima entrevista, e as interpretações e interferências das mediações não acabam no momento em que a pessoa lê as revistas: elas continuam quando o indivíduo fala das reportagens com as pessoas de seu convívio social.

### **Considerações finais**

É possível perceber, portanto, que as próprias pessoas com deficiência acabam incorporando a forma como a mídia as representa e tomam tais representações como um modelo a ser seguido. Assim, a própria mídia pode ser uma forma de mediação que interfere na maneira como as pessoas com deficiência se representam.

Também foi identificada a riqueza de respostas em outros aspectos da entrevista. Como, por exemplo, quando foi indagada a opinião dos entrevistados sobre as revistas, apesar de nem todos responderem, de forma uniforme uma vez que, enquanto uma parcela destes afirmou, genericamente, gostar das revistas e textos indicados, outra achou tendenciosa a revista Veja.

Ao perceber essas divergências de opinião nas entrevistas, pode-se compreender como as diferentes mediações interferem na forma como as pessoas percebem as revistas. Pois os receptores não vivem isolados, eles se inter-relacionam. Assim, diversos fatores culturais, como a família, a escola, e a igreja podem ser identificados como mediações institucionais; assim como se a revista é lida em papel, ou na internet, caracteriza uma mediação tecnológica; ou se a revista é lida no trabalho ou em casa, uma mediação situacional; e, ainda, se quem deu a entrevista é homem ou mulher, observa-se uma mediação de referência.

A linguagem passa a ser muito importante neste processo de mudança de representações e de mudanças sociais. Portanto, utilizar as terminologias “corretas” e “adequadas” passa a ser muito importante colaborando com essas modificações.

Porém, o discurso politicamente correto não deve aparecer somente no âmbito da linguagem, isto é, deve ultrapassá-lo, transformando também a forma como as pessoas “normais” se relacionam com as pessoas com deficiência e atitudes inclusivas, tratando a pessoa com deficiência com igualdade, percebendo suas habilidades e limitações.

Mas, o uso da linguagem considerada correta, pode auxiliar nesse processo de mudanças de representação e impactando na construção da identidade do indivíduo. A mudança das representações da pessoa com deficiência e a diminuição dos preconceitos e estigmas acontecem de maneira lenta e gradual, e a mídia pode colaborar nesse processo.

**Referências**

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

COSTA-RENDERS, E. C. **Educação e espiritualidade: pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência**. São Paulo: Paulus, 2009.

ESCOSTEGUY, A. C. **Os Estudos Culturais**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.151-170.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

GUGEL, M. A. **A pessoa com deficiência e a relação com a história da humanidade**. Disponível em: <[http://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php)>. Acesso em: 5 de abr. 2013.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IGNARRA, C.; CONTRI, T.; BATHE, R. **Inclusão: conceitos, histórias e talentos das pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2009.

JACKS, N; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, Coleção Comunicação, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

OROZCO, G. **O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva**. México: Universidade de Guadajala, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

VIVARTA, Veet. **Mídia e deficiência**. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi); Fundação Banco do Brasil, 2003. Disponível em: <[http://www.andi.org.br/\\_pdfs/Midia\\_e\\_deficiencia.pdf](http://www.andi.org.br/_pdfs/Midia_e_deficiencia.pdf)>. Acesso em 10 mai. 2013.